

A busca de um comum e o tempo em que nada acontece

Edson Luís de Almeida Teles
Fernanda Miranda da Cruz
Henrique Zoqui Martins Parra

Para Mai e Aurora, desejos de outras educações possíveis

Este texto compartilha a experiência que tivemos na realização de uma disciplina interdisciplinar em uma universidade pública num contexto imediatamente posterior a uma longa e conflituosa greve de professores e estudantes.

Antes de começar

A experiência da greve de 2012 nos faz pensar que talvez haja algo de singular na constituição da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp - *campus* Guarulhos). Um espaço interessante para analisarmos as configurações das novas tensões e desafios emergentes no âmbito das universidades públicas brasileiras. Neste local, pudemos observar com maior contraste o encontro de dinâmicas heterogêneas que correm simultaneamente no ensino superior público, e que aí convergiram como forças antagônicas. De maneira análoga aos efeitos de uma colisão num acelerador de partículas produziram explosões, faíscas e radiações que contribuíram para uma melhor visualização dos elementos em jogo.

Numa dimensão, temos as seguintes peças circulando: a) a criação ou expansão de universidades públicas federais; b) a criação de uma universidade pública federal no Estado de São Paulo, historicamente sede de importantes centros universitários de excelência; c) a absorção de doutores com graduação, mestrado e/ou doutorado realizado principalmente na USP ou Unicamp e que iniciaram, em sua maioria, o percurso na pós-graduação na segunda metade dos anos 1990, momento de redesenho da política científica e dos programas de pós-graduação em humanidades; d) o desejo, talvez, de

criação de um novo polo de pesquisa e ensino inspirado no modelo universitário em que foram formados.

Noutra composição, algumas peças parecem outras: a) o recente processo de democratização do acesso à universidade; b) política de cotas, Enem, Sisu, ampliação; c) interiorização e descentramento urbano das universidades; d) políticas de assistência e permanência estudantil. Em suma, um outro perfil socioeconômico, novas culturas e linguagens adentram a universidade pública.

Durante os quase sete meses de greve, em 2012, tivemos longos períodos de mobilização, negociações, assembleias lotadas, reuniões de órgãos colegiados altamente polarizadas, ameaças diversas, piquetes, alunos processados judicialmente, prisões, ocupações de sedes administrativas, desocupações, entrada violenta da polícia no campus. Questões relativas à relação da universidade com seu entorno e as dificuldades advindas da gestão universitária para a consolidação do campus se transformaram numa disputa sobre sua própria localização: deveria ficar na periferia? Deveria ir para o centro de São Paulo ou Guarulhos? Conflitos que ganharam contorno de luta de classes e em que a própria linguagem e os modos de interação social manifestaram percepções distintas sobre a violência simbólica até então silenciada. Nessas discussões, diferentes concepções e desejos sobre a universidade estavam em jogo.

Ao mesmo tempo, foi neste percurso de situações extremas que nós três acabamos nos conhecendo. No meio de tanto conflito, em reuniões infinitas, em decisões emergenciais em que o pensamento e a palavra correm de forma tão ágil, novas alianças iam sendo tecidas. Quando as atividades letivas começaram a ser retomadas, era desconcertante o que ouvíamos de alguns estudantes: “é muito estranho voltar a ter aulas nessa situação, como se nada tivesse acontecido!”. A geografia da sala de aula havia se quebrado, nada mais era como antes. Como recomendar?

Foi assim que decidimos oferecer logo no semestre seguinte uma disciplina conjunta, paralela às nossas outras disciplinas oferecidas naquele semestre. Não sabíamos muito bem como ela seria, mas decidimos que ela deveria ter um espaço em que a experiência fosse possível e onde pudéssemos refletir e acolher alguns dos problemas relativos à relação entre conhecimento e poder que emergiram durante a greve. Deveria ser também um território afetivo de recomposição, de criação de novas formas de ensinar e aprender, outras formas de vida...

O tecido

Partíamos de um esgotamento - atuar em uma universidade cujo modelo vigente parecia obsoleto. O tempo já não favorecia, como há muito, ações coletivas. O espaço já não favorecia, como há muito, ações individuais. Era o final de 2012. Tínhamos a experiência de uma greve longa. Conflitos, tensões, violências, criações, sentimentos, posições, abstenções, abstenções, abstenções, bandeiras, palavras de ordem, palavras de ordem, palavras de ordem, vontades de desordem, centralismos, descentralismos. Era tempo de estar mobilizado, ativado. Mobilizações nos espíritos ideológicos, sociológicos, políticos e subjetivos. Naquele espaço delimitado por algo que parecia ordinário, ou seja, uma greve em um ambiente universitário, podíamos até encontrar esporos de experiências ímpares. Sim, provavelmente, ali também se deram experiências inimagináveis. Mas, a vontade de mapear e descrever todos os elementos desse contexto não poderia se concretizar aqui neste relato. E talvez seja isso o Leituras do Fora. A um só tempo relacionado e não relacionado a esse contexto maior, visível, político. Uma experiência vivida por umas três dezenas de pessoas vinculadas em algum grau com aquela atmosfera universitária em crise. Mas também éramos ou desejávamos ser um descolamento desse mesmo tecido.

Esse texto, do mesmo jeito, desenhou-se um tanto descolado de nós mesmos, uma polifonia, um abandono da autoria de suas partes.

Aqui nada acontece

Já era quase o meio do semestre, não aquele que estávamos acostumados, mas o de um calendário de reposição de aulas após uma greve de seis meses. Em uma roda de conversa sobre o andamento da “disciplina”, um dos alunos pede a palavra e, em tom de reclamação, mas também de alguém que se encontra perdido, fora do roteiro, exclama: “aqui nada acontece!”. Esta frase poderia ser uma síntese dos encontros “Leituras do Fora”, formalmente constituída para ser uma “disciplina” eletiva para os cursos do campus de Humanas da Universidade Federal de São Paulo, oferecida por três professores, cada um “pertencente” a um departamento: o de Ciências Sociais, o de Filosofia e o de Letras.

Espaços

A sala onde aconteciam estes encontros era um grande palco/aquário destinado a aulas de dança. Em um quadrado de cerca de 100 m², piso de madeira, pé direito alto, uma das paredes separava o espaço do corredor do Centro Educacional Unificado (CEU) Pimentas. Esta parede era, de ponta a ponta, de vidro. Quem estivesse fora, de certo modo, se encontrava dentro e vice-versa. Na parede oposta, mais vidros, garantindo a visibilidade para um gramado aparentemente sem vida, que antecipava o muro de separação entre o CEU e o campus da universidade. Algumas carteiras escolares ficavam dispostas próximas das paredes, o que permitia que alguns sentassem quase como observadores do espaço de dentro. Nada de preenchimento completo, enfileiramento de corpos ou hierarquia topológica de sujeitos. A experimentação se iniciou com a nossa plena inabilidade em lidar com o “nada”, com o vazio que preenche as lacunas deixadas pelos papéis previamente decididos.

Os corpos

Como fazer uma “disciplina” sem corpos alinhados? Como encenar aulas com corpos disciplinados para outro lugar e fora da dinâmica conhecida? Por que insistir na ideia de corpos ocupando uma “disciplina”? Simples apropriação de um poder disciplinar foucaultiano?

Corpos, roteiros. A ausência de um *script* desordenou os lugares e tempos dos indivíduos, subjetivados nas condições clássicas de professores e de alunos. Desordenado, sem ordem, sem aquela ordem, foi a presença de corpos o que possibilitou uma ocupação do espaço e suas dinâmicas. Facilitado pela aula que ali ocorria no horário anterior - oficina de dança contemporânea, com Fernanda Cruz e Anelise Mayume -, os participantes do “Leituras do Fora” iam chegando e se ambientando a uma não sala de aula. Alguns integrantes do “Leituras” participavam também das oficinas de dança. Desta forma, não foi complicado quando um trabalho de corpo começou a se consolidar no início dos encontros. Corpos de alunos e professores foram aos poucos ganhando outras formas, assumindo gêneros, capacidades, limites, dobras, inflexões e tudo o mais que um corpo possa sentir/ser.

Corpos, roteiros, espaços. Combinado com vídeos, com ou sem discurso, ou com discurso sem palavras, textos escolhidos ou espalhados ao acaso sobre o chão, reunião de grupos com interesses diversos, os corpos e seus movimentos foram ganhando um lugar de destaque. Claro que a presença de algumas pessoas, como o Douglas Iesus, facilitou as digressões

sobre o “fora” por meio da experimentação do corpo. Contudo, mais do que a importância deste ou daquele indivíduo, algo notadamente marcante em nossos encontros foram as disposições de corpos institucionalizados em espaços e contextos desinstitucionalizantes, por vezes em resistência a esta situação. Corpos em busca de lugares nunca preenchidos, corpos em surto, espremidos, aflitos, corpos em denúncia ou travados, sempre em conflito com a necessidade vinda dos roteiros há muitos anos conhecidos da leitura de um texto e de sua discussão, da obrigação de avaliar e de ser avaliado, de percorrer um momento de seu início, passando pelo meio e chegando ao fim. Rompia-se, de certo modo, com a imposição da confecção de um produto final.

Corpos, roteiros, espaços, temporalidades. E nada acontecia. Sim, nossos encontros, os da “disciplina”, deveriam seguir a trama de um conteúdo, cujo suposto saber reservaria aos professores e aos alunos o papel passivo da recepção eficaz do novo conhecimento. Este seria o mundo da “disciplina”, no qual tudo aconteceria. Mas nada aconteceu. Ou quase nada. Presenciamos, naqueles breves meses da passagem dos anos de 2012 para 2013, uma dilatação do tempo, das temporalidades. Os encontros ocorriam no período noturno, começavam sem atraso, pois não tinham um momento exato para começar. Não passavam da hora, pois acabavam somente no horário de saída do último ônibus para o metrô. Uma parte dos inscritos no projeto o abandonou durante o percurso. Talvez fosse difícil ou mesmo inútil seguir uma “disciplina” sem objetivos, sem o que para começar suas atividades, com supostos conhecedores do saber indispostos em assumir este lugar. Somado ao espaço incomum, teria sido a temporalidade com que os corpos se moviam naquele espaço o que mais incomodou ou seduziu as pessoas que por ali passaram. Sem pressa. Sem a legislação das formas vindas da necessidade. Alguns chegavam após os aquecimentos dos corpos, outros estavam por lá bem antes do horário oficial. É curioso que os debates, desgovernados ao máximo, sem virarem caos, alcançavam sua mais alta excitação após um determinado tempo. Talvez aquele tempo suficiente para os indivíduos se desligarem de maquinismos do cotidiano.

Subjetividades

Nem tudo foi agradável ou produtivo. A abertura para um processo criativo, sem prévia combinação, é um passo complicado. Há uma indisposição, uma não porosidade a estas experiências. Os corpos cansados, duas horas de precário transporte público, bandejão, sono. Sujeitos treinados, bem

ou mal, para receber sem demandar. Desligados dentro de uma sala, eram convidados, em nossos encontros, a se abrirem para fora de suas projeções sobre a universidade. Periferia, lugar do inacabado e do perene, limites do mecanismo, itinerário de fugas. Universidade pública em Guarulhos, lá no finzinho da cidade, diagramas de bordas do contemporâneo.

Experiência de um deslocamento, revisitação do nosso lugar dentro da instituição e, de quebra, fora dela também. Ao final, parecia que ninguém mais aguentava estar ali. Não havia mais nada a ser criado. Ali nada acontecia e justamente isto se sobressaiu. Não foram os motivos, nem os objetivos, muito menos os resultados. Foi o percurso, foram os encontros em si.

O esgotamento

Alguns eventos chamavam atenção, atravessavam-me mais o espírito, sem que eu pudesse ou quisesse sistematizar ou analisá-los. E esses eventos serviram de motivação ou inspiração para o que se estruturou então em uma disciplina acadêmica ofertada na grade curricular daquela universidade, mas que rapidamente recebeu alguma autonomia, ao menos discursiva, e passou a ser referida como o “Leituras do Fora”. Alguns desses eventos desencadearam uma vontade de experimentar um agrupamento temporal e espacial de pessoas com finalidade vaga.

Em meio às manifestações estudantis de 2012, dentre várias possíveis bandeiras, havia uma “palavra de ordem” produzida em volume alto e tom agressivo, mas recebida pelos ouvidos em volume sussurrado e tom carinhoso: “Fora, professor, aqui ninguém precisa de doutor”. *Aqui onde? Eu ouvia esse estribilho e às vezes não sabia se era eu quem o entoava ou se era eu, professora, que o recebia. Aqui onde?*

O ônibus

Num dia qualquer de 2008, eu pegava o metrô da linha azul, sentido Zona Norte da cidade de São Paulo, para descer na Estação Armênia. Dali, eu deveria pegar um ônibus que se chamava Jardim Angélica e descer, como estava indicado no Google, em um ponto qualquer, de um endereço assim chamado: Estrada do Caminho Velho. Ao descer na Estação Armênia, me dirigi ao terminal urbano para procurar alguma informação sobre onde tomar o tal Jardim Angélica. Encontrei um caos. Nada como três minutos para entender que não havia, ali, caos nenhum. Aquela era uma rotina repetitiva. Havia, sim,

a ausência completa de sinalizações, quadros informativos com nomes de ônibus, destinos, horários de chegada e saída. No lugar disso, o tão conhecido fluxo de informações que dependia necessariamente da interação verbal com desconhecidos que circulavam no local. Os indivíduos perguntáveis eram até que facilmente identificáveis por um corpo indicando “eu conheço aqui”. A esses indivíduos chegavam outros indivíduos, com pressa e com um corpo indicando “eu não conheço aqui e preciso chegar logo em algum lugar”. Pois bem, assim era eu: eu não conhecia ali... Meu corpo indicava, pela pressa, que eu precisava chegar logo em algum lugar. Um corpo sabido me aponta uma van que estava de saída. Era preciso pegar aquela van, como se fosse a única chance. Corri e entrei nela.

Dentro, arrumo um lugar apertado para meu corpo e uma mala pequena de rodas contendo 1 (uma) cópia do boleto e comprovante de pagamento da taxa de Inscrição de um concurso para doutor na Unifesp; 1 (uma) cópia do documento oficial de identificação, válido no território nacional, com foto, no caso minha foto; 2 (duas) vias de um formulário próprio da universidade, dirigido ao Magnífico Reitor da Unifesp, especificando a vaga pretendida; 10 (dez) cópias encadernadas contendo os seguintes documentos: curriculum vitae lattes (Plataforma Lattes do CNPq); memorial descritivo e circunstanciado de atividades de ensino, pesquisa e extensão, com a indicação dos trabalhos publicados, das atividades realizadas relacionadas ao cargo do concurso e demais dados que pudessem ser úteis à avaliação por uma banca examinadora, considerando também as metas, objetivos e perspectivas de atuação nas áreas de ensino, pesquisa e extensão a serem desenvolvidos na universidade. Os documentos deveriam estar devidamente lacrados e identificados com etiqueta contendo o nome e a assinatura do candidato, no caso eu. Naquela van, eu era 1 (uma) candidata a 1 (uma) vaga em 1 (uma) universidade pública brasileira, cujo campus de humanidades era recente e estava em pleno processo de formação.

Toda essa papelada pesava um tanto. Ali ia eu, na van, atenta à importante mala e ao caminho, até chegar ao ponto que me deixaria mais perto da universidade, onde eu deixaria toda aquela importante papelada. Desço no ponto, pego uma boa subida de terra, a então Estrada do Caminho Velho, e vou me aproximando de um muro. *Deve ser ali!* E nesse muro estava escrito: “Enfia o doutorado no cú!”. *Putz, era ali mesmo.*

O espaço: mais áreas vazias que construídas. Terra. Um galpão de obras onde funcionava a secretaria. Algo de provisório, improvisado. Algo por vir. Aquilo me encheu de porvires. Que beleza!

Quatro anos após 2008, meu corpo pegava ainda o mesmo trajeto. Mas era um corpo sabido, que agora informava, no terminal urbano, para os corpos transeuntes e apressados, onde pegar tal ônibus. Era também um corpo cansado das carteiras, das bandeiras, das ideologias, das identidades, das lutas, das lousas, das grades curriculares, das discussões, dos lattes, dos francodesejantes, da linguagem, do conhecimento, das crenças, das gentes, das novidades, das tradições, dos papéis, dos papéis, dos papéis. O esgotamento. Onde estavam os porvíres? Estávamos em uma estrada nova de um caminho velho. Um imaginário havia se construído discursivamente: o de que ali tudo estava ainda por fazer, de que era a chance de fazermos algo novo. Talvez nem tanto. No equilíbrio entre as forças conservadoras e as forças criadoras, as forças conservadoras ajudam a manter o mesmo desenho, modificando alguma coisinha, mas acessória.

O vazio central

Leituras do Fora. Nome na grade, créditos atribuídos, alunos matriculados, professores responsáveis... Quanto do mesmo! Ementa criada como um *brainstorming*; uma enorme sala de dança, em madeira, de um Centro Educacional Unificado projetado pelos arquitetos Biselli-Katchborian. Ali aconteceria a disciplina. A descrição, no site Archdaily, diz o seguinte sobre o espaço:

O projeto configura-se em uma linha, materializada em uma grande cobertura metálica que abriga nas bordas de sua dimensão longitudinal os diversos usos, articulados por um vazio central.

Era esse o espaço. Acho que nós éramos esse vazio central que queria articular uma cobertura metálica imóvel, pesada, mas cujas bordas abrigavam potências de diversos usos que ainda estariam por vir.

Agrupamento

Muitas coisas emergiram daquela experiência. Chamarei aquelas reuniões semanais, nas noites de terça-feira, de agrupamento. As coisas que emergiam vinham frescas e velhas ao mesmo tempo. Parecia que estavam ali, pulsando, esperando uma brecha, uma movimentação mínima das placas, para escapar, virem à tona. Quando escapavam, ficavam ali, zanzando naquele vazio, sem que ninguém daquele agrupamento tivesse que/pudesse/quisesse/soubesse

acolher. Era isso o que eu sentia. A história do testemunho do irmão assassinado com dezessete tiros; a performance de dois integrantes daquele agrupamento que caminhavam em direção a uma lousa encapuzados e que perdiam suas roupas ao longo desse caminho, chegando ao destino nus e sem rosto; a proposta de deixar os corpos ocuparem os espaços de forma criativa; as dinâmicas de dança e vivências corporais; o convite de um integrante para que aquele agrupamento participasse de uma atividade em uma área dita irregular que estava prestes a ser (violentamente) desapropriada; tentativas de sistematizar o que havia sido discutido; propostas de leituras bibliográficas para um outro tema que tivesse aparecido; a desorganização (ou surto?) de um participante durante um dos encontros e o afago manso do outro em sua cabeça; os embates polarizados entre os participantes; a sempre vigente dicotomia aluno-professor; leituras-manifesto contra algo; a constante pergunta sobre o que fazíamos ali... O que estávamos fazendo ali? Por que insistíamos?

Em alguma parte

Às vezes, em alguns encontros, eu aproveitava aquele chão infinito de madeira para deitar meu corpo, abrir braços e pernas, ficar estendida, deixando o peso do corpo afundar no chão, olhos fechados, respiração solta, indo, indo. Enquanto isso, alguma parte da aula acontecia, e sentia que eu não tinha nada a ver com aquilo. Isso era bom.

Como?

Como organizar um curso, as aulas, o conteúdo, a dinâmica em sala, a relação com os alunos quando nada mais parecia seguir como antes? Ou, como seguir fazendo exatamente da mesma maneira (os cursos, as aulas...) como se os acontecimentos de 2012 não tivessem relação com o que fazemos na universidade? Ninguémalaria disso? Quem queria falar disso? O que dizer quando alguém quisesse falar disso? Era possível entrar na sala de aula como se nada tivesse acontecido? Era possível continuar a oferecer algum conteúdo sem que isso não tivesse sido em nada afetado pelo que havíamos vivido, ou ainda, pelo que havia sido suscitado?

Havia uma vontade de fazer algo junto. O quê? Havia uma vontade, acho, de dar conta de um silenciamento que tomava proporções estranhas no espaço universitário. Diante do incômodo e da urgência de pensar sobre o que

havia ocorrido, e movidos pelo desejo de praticar algo em comum, nutrindo as afinidades recém-produzidas durante aquela greve, propusemos nos lançar numa experiência coletiva.

Uma experiência em várias dimensões, recheada de entrega, riscos e aberta ao indeterminado. Não era apenas a oferta de uma disciplina interdisciplinar realizada por três professores de cursos diferentes. Era uma prática interessada em provocar transbordamentos em nós mesmos.

No centro das preocupações estavam as relações entre saberes e poderes na Universidade, as condições contemporâneas de produção de conhecimentos, as tensões entre professores e alunos, entre alunos e alunos, professores e professores, com a instituição e suas disciplinas. Como criar um curso, um espaço dentro da grade curricular na universidade, que pudesse produzir situações de deslocamentos, quebras, formando ali uma zona de instabilidade em nossos hábitos e certezas tão escolarizadas? Que pudesse gerar um estranhamento em nossos corpos através de afetos inesperados? E como acolher isso tudo?

O risco

Foi uma experiência arriscada. A amizade e a confiança entre nós ajudavam a enfrentar a zona de desconforto como uma travessia. Não sabíamos o que ia acontecer antes de cada encontro. Como preparar uma aula para uma situação dessas? Antes do início de cada aula havia um grande buraco que provocava uma ansiedade distribuída. Ao final de cada aula, sempre uma surpresa, em alguns dias, mais animada, noutras, desconfiada; algumas vezes, raivosa, noutras, com certo enfado. Mas nenhuma aula, nenhum dia foi tal como havíamos imaginado.

Seria possível pensar um curso destinado a organizar-se sob a égide de um acontecimento? Ou ainda, destinado a provocar situações em que o imprevisto pudesse ser acolhido e desejado como parte constitutiva do aprendizado coletivo? Que conhecimento é este que se produz nessas situações?

O rabisco

Evidentemente, não partíamos de uma tábula rasa. Éramos os professores e, portanto, certos papéis estavam inicialmente distribuídos. Ademais, era um curso dentro de uma universidade, com duração determinada,

mas com intensidade indefinida. O que era possível fazer nessas condições? E o que podíamos aprender através dessa experiência?

Tal posicionamento começou a dar consistência a um certo pensamento sobre a educação. Como desconstruir as situações de ensino-aprendizado de forma que cada encontro pudesse se transformar num ato de conhecimento de si e num ato de produção de um novo conhecimento sobre algo que emergia ali, em sala, portanto, dotado de sentidos singulares para cada participante? Assumia-se que entre o que se ensina e o que se aprende há sempre um abismo. Portanto, ao invés de ensinar algo, propunha-se a criação de situações em que a experiência fosse possível, mesmo que ela nem sempre tenha ocorrido. Há evidentes riscos em tal empreendimento, e não se tinha a ideia de tornar tal proposta o centro de qualquer percurso formativo ou curricular. Não era disso que se tratava. A proposta foi sempre situada, não pretendia qualquer generalização. Sua potência residia exatamente nesta dimensão efêmera da produção de sentidos, afetos e conceitos através de uma experiência possível, jamais replicável.

O comum?

Para desenvolvê-la era preciso resistir ao impulso de preencher o vazio, de tentar recolocar as coisas no lugar. Era muito difícil manter este estado de suspensão. Os estudantes não sabiam ao certo o que fazer, o que esperar. Nós também não sabíamos bem o que fazer. O mais fácil era agir como professores, mas resistíamos sempre a fazer o que era esperado. *Qual o texto da próxima aula? Vai ter prova? Vai ter controle de frequência, trabalho final? Não sabemos, o que vocês acham? O que podemos fazer? Alguém pode sugerir um texto para o próximo encontro?*

Em alguns momentos, surgiam propostas diversas de atividades, como intervenções militantes com algum movimento social, performances artísticas, sessões de relaxamento e alongamento. Noutras, ninguém assumia nada, não se fazia nada. Enfrentávamos expressões de fracasso: *estamos perdendo tempo, isso é enrolação; Afinal, o que estou fazendo aqui?; Vou pelo menos ganhar os créditos da disciplina?*

Como produzir o comum? Como criar estados de coletividade em que o conhecimento seja possível, sem que tenhamos necessidade de estabelecer uma autoridade prévia que organize as distribuições daquele espaço? O que se deve aprender? Quem são os professores, estudantes, os autores, os

saberes legítimos?

Era difícil habitar este lugar, e, por vezes, a dispersão e a entropia nos venciam. Como utilizávamos esta grande sala de dança (assoalho de madeira brilhante, paredes com vidros e espelhos, sem cadeiras), em alguns momentos os corpos ficavam totalmente espalhados pela sala. Às vezes, formavam pequenas associações, outras vezes, surgiam grandes círculos. Onde eu deveria estar? O que está acontecendo ali naquela roda? Seria melhor se conseguíssemos sempre fazer um grande círculo com todos? Teríamos aprendido mais? Uma grande assembleia horizontal, uma federação de pequenos coletivos, as discussões corriam por caminhos incertos, o conhecimento também. Eu, professor, onde devo estar? E se nenhum estudante quiser conversar comigo hoje?

O último ônibus para fora

O final de cada aula, mesmo nos dias em que “nada” acontecia, era sempre tardio, a ponto de quase perder o último ônibus que partia. Em alguns dias, já havia aquela neblina do Bairro dos Pimentas, uma névoa de zona cinzenta. Invariavelmente, saíamos os três juntos num carro e íamos comer para conversar, digerir, falar ou calar sobre o que tinha acontecido naquela noite. Não era possível dormir sem este momento de descompressão. Concordávamos em alguns pontos e divergíamos em várias percepções. Estávamos, afinal, professores em estado de experiência.

*Edson Teles é ativista da Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos na Ditadura e coordenador do FiloPol - Núcleo de filosofia e política (Unifesp/CNPq). Nos últimos anos, tem experimentado a atividade de professor/pesquisador na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

*Fernanda Miranda da Cruz, mãe da Aurora, amante da Dança. Institucionalmente, professora do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e coordenadora do NUCCA- Núcleo de Cultura, Corpo e Arte, ambos na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

*Henrique Z. M. Parra. Sociólogo e ativista, professor do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp e coordenador do Pimentalab - Laboratório de Tecnologia, Política e Conhecimento. Atualmente, realiza pesquisa de pós-doutorado no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ibict/UFRJ), com apoio do CNPq, sobre ciência aberta.